

meticulosidade dos registos que anotam a vida comercial e particular de uma família burguesa vimaranense.

Mas a valia do livro vai mais além, podendo considerar-se como uma plataforma ainda para outras leituras. Por exemplo, as referências epistolares de algum desgosto pelo atravessamento das propriedades agrícolas pela nova estrada, retalhando o terreno agrícola e desvalorizando-o, mostra como o irromper do progresso traz efeitos amargos para alguns em nome de um bem maior, o interesse coletivo. E, sobretudo, vejam-se os contributos para o estudo da emigração: são pungentes as cartas transcritas relacionadas com a partida e a ausência dos vários filhos no Brasil, nomeadamente pela ansiedade paternal a procurar saber se estão vivos ou mortos. Interessante é a preocupação dos pais em tentarem encontrar à distância destinos profissionais alternativos para os filhos que não estariam bem arrumados no Rio de Janeiro, tentando desviá-los do ofício em que estariam e encaminhá-los para o negócio, espaço de atividade de onde voltavam os «brasileiros» de retorno mais endinheirados. Foi a ler transcrições neste domínio em textos de A. L. de Carvalho (António Lopes de Carvalho), que foi quem doou os livros à Sociedade Martins Sarmento, que eu próprio, anos atrás, soube da exis-

tência dos livros de notas a que agora tenho acesso mais fácil. Mas a leitura por inteiro das cartas dá outra dimensão, mostrando o deslaçar da família pela emigração, em que os filhos raramente escrevem aos pais, perdidos na lonjura, quem sabe por que razões, como foi o caso dos filhos Luís e Avelino, de que se perderam notícias desde 1864... Em 1891, quando morreu a mãe deles, já viúva de José Moreira, e se fez anúncio do inventário, citavam-se os filhos Luís, Avelino e José como «ausentes em parte incerta do Brasil» para efeitos de partilhas. Mas, em 1897, a relação consular dos óbitos do Brasil, incluía o óbito do Avelino na Baía, falecido, por congestão, em 8 de março de 1896, apontando-lhe como profissão «cigarreiro», mostrando que o esperado negócio, ou seja, trabalhar no comércio não era para todos (*Diário do Governo*. 1895-01-08. (5), p. 6).

Com a edição deste volume, trazendo a lume um conjunto de estudos sobre uma informação documental relevante, que se transcreve, os investigadores referidos, interagindo com diferentes gerações, subscrevem mais um ato de investigação historiográfica e de valorização patrimonial e a Sociedade Martins Sarmento reafirma os seus objetivos associados de dar continuidade a um luminoso lastro histórico de divulgação patrimonial.

JORGE, MARIA JOÃO MACIEL, 2024. *THE HYPHEN AND OTHER THOUGHTS FROM THE IN-BETWEEN*. CANADA: ARQUIPÉLAGO PRESS*

FRANCISCO TOPA**

Ouvimos e lemos com frequência que Portugal é um país de emigrantes, o que aliás é comprovado pelas estatísticas e por uma série

de outros elementos, físicos e simbólicos, que vão do peso das suas remessas na economia nacional até ao impacto que deixam as

* DOI: <https://doi.org/10.21747/2182-9748/cem18r2>.

** FLUP/CITCEM (ORCID: [UIDB/04059/2020](https://orcid.org/0000-0001-6929-5618); DOI: <https://doi.org/10.54499/UIDB/04059/2020>). Email: ftopa@letras.up.pt. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6929-5618>.

suas casas e outros investimentos nas suas terras de origem ou até aos arraiais populares que, em sua honra e com o seu patrocínio, são promovidos no *querido mês de agosto*.

Tirando esse mês e o dia que também é deles — o 10 de Junho, dia das Comunidades Portuguesas —, só ouvimos falar dos nossos emigrantes quando algum membro dos seus muitos grupos é atingido por alguma catástrofe ou crime violento, ou testemunha um acontecimento desse tipo. E, no entanto, haverá poucos portugueses, do continente ou das ilhas, que não tenham na sua família próxima ou alargada emigrantes, recentes ou antigos, de curta, longa ou perpétua duração, sobretudo em países da Europa, das Américas e de África. Pena é que haja em nós, os que não saímos, pouca disponibilidade para os escutar, a não ser que se trate de um empresário de sucesso, como Valentim Diniz, de cientistas de renome, como António Damásio e, de outra maneira, João Magueijo, ou — para tempos felizmente mais recuados — de exilados por razões políticas.

E, no entanto, os emigrantes portugueses não só falam como escrevem, sobre si e sobre nós, pensando e interrogando-se sobre o seu e o nosso lugar no mundo. Embora não seja a minha área habitual de trabalho, sei que há uma longa literatura deste tipo, escrita em várias línguas e dominada por registos diversos e até antagónicos: de um lado, as histórias de sucesso, habitualmente contadas na primeira pessoa, pelo próprio ou por interposta pessoa; do outro, a compilação de pensamentos e episódios humorísticos, evidenciando a alegada fragilidade cultural do emigrante; pelo meio, aquilo que poderíamos chamar a literatura portuguesa da diáspora, mas que muitas vezes já não é portuguesa; por último, a literatura das ciências sociais, que procura compreender e documentar estas comunidades.

O livro de Maria João Maciel Jorge, académica de origem açoriana, professora de

estudos luso-brasileiros e vice-diretora da Faculdade de Artes Liberais da Universidade de Toronto, combina alguns desses registos, mas com duas diferenças fundamentais. Por um lado, é escrito por uma mulher, quando este tipo de literatura, mais que o outro, é de clara dominante masculina. Por outro lado, foi concebido da perspectiva do hífen, esse diacrítico esquisito que não serve para hierarquizar, mas para justapor, somar, igualar, numa perspectiva que, ao contrário do habitual, não se quer de cima para baixo ou de baixo para cima, mas na horizontal, de olhos nos olhos, ao mesmo nível. Mais ainda: da perspectiva de quem não está perdida entre o cá e o lá, o eu e o tu, mas se sabe situada num entrelugar, nem sempre cómodo, é verdade, mas que assume como seu, reivindicando a sua riqueza.

A estas duas novidades podemos juntar uma terceira que é delas consequência: o discurso. O subtítulo fala em *thoughts*, termo que podemos fazer equivaler a *essays*, encarrando este no seu sentido original de tentativa despretensiosa, não tão afastada assim de um outro género fecundo na literatura de língua portuguesa: a crónica (moderna, de jornal ou revista). É certo que cada um dos 18 capítulos por que se repartem os pensamentos de Maria João ultrapassa o tamanho habitual das crónicas e que a sistematicidade de muitos deles ultrapassa o tom mais impressivo dessas peças tradicionalmente publicadas na imprensa periódica. Mas é verdade também que a autora, com a finura irónica que caracteriza a sua escrita, com um sentido crítico bem-humorado e desafetado, consegue conciliar os dois princípios que Machado de Assis, num texto de 1859, identificou como os ingredientes do género: «O folhetinista é a fusão admirável do útil e do fútil, o parto curioso e singular do sério, consorciado com o frívolo.».

De facto, a autora, reinterpretando de algum modo o famoso conto do brasileiro

João Guimarães Rosa «A terceira margem do rio» (do livro *Primeiras estórias*, de 1962), usa a sua posição particular para pensar uma série de questões, a começar pela da identidade açoriana — a açorianidade —, encarada tanto na sua vertente teórica, cultural, espiritual, como no plano mais prático de quem se sente cansada de enfrentar os estereótipos e de receber «micro-agressões from mainland Portuguese» (p. 1). Criticando a perspectiva de Vitorino Nemésio e interrogando-se sobre o significado do conceito no século atual, a autora reconhece com amargura que

Our mannerisms, accents, devotion to the Holy Spirit, and Azorean identity exacerbate our exclusion. Instead of being celebrated, our difference is viewed as inferior, regularly dismissed, ignored or too often mocked. We have internalized much of this exclusion, convinced ourselves that we are less than others, and taught our children to speak English only because we have been led to believe our Portuguese is not good enough. (p. 7).

Mas logo a seguir assume que a açorianidade pode ser um ponto de partida para entender e celebrar a diversidade cultural e a reciprocidade, sobretudo em sociedades multiculturais de imigração como a canadiana. Esta atitude de interrogação e de dúvida, de avanço e de recuo, de confissão e de contrição, de aprendizagem com o erro, domina todo o volume e constitui, do meu ponto de vista, um dos seus aspetos mais estimulantes. Isto porque o leitor, em lugar de ser ensinado, é levado a participar no processo, colocando-se na terceira margem do rio.

E o resultado é francamente positivo, qualquer que seja o ângulo de análise. Em alguns casos, estão em causa hábitos e instituições nacionais que muitos de nós reconhecemos como erros e que tentamos combater,

mas que muitas vezes nos deixam incomodados quando alguém no-los aponta. Um deles diz respeito aos títulos académicos, que Maria João aborda com perspicácia e boa disposição, a partir da sua experiência pessoal. Já o setecentista Paulino António Cabral, também conhecido por Abade de Jazente, abordava assim, num poema inédito, a preocupação portuguesa com as formas de tratamento:

A filha do Tendeiro, que vendia ontem arroz, papel, figos e doce, como se descendente de Reis fosse, hoje não quer mercê, quer Senhoria.

A filha do Escrivão, que todo o dia escreve por ganhar que jante e almoce, se toca, canta e dança, está na posse duma não desigual vã fidalguia.

Não menos o que há pouco foi caixeiro ou mercador ao muito de baetas, agora na Cidade é o primeiro;

mas para obter no Porto honras completas, ao homem é preciso ter dinheiro, à mulher basta só fazer punhetas.

Apesar dos esforços que vêm sendo feitos, esta «obsession with titles» (p. 17) tem resistido a tudo. Em 2016, certamente por influência da sua longa experiência de deputado ao Parlamento Europeu, Paulo Rangel — atual Ministro dos Negócios Estrangeiros — apresentou «a proposta de inovação social, sociologicamente fracturante, de abolição do tratamento das pessoas com base na sua qualificação académica», como escreveu numa crónica vinda a lume no *Público*. Escusado será dizer que poucos tomaram a ideia a sério e que os conflitos e mal-entendidos continuam a ocorrer, mesmo entre povos que falam a mesma língua, como acontece entre brasileiros e portugueses.

Outro caso, também abordado a partir de uma divertida história pessoal, é o da cunha, já presente na fundação moderna do Brasil. Nem todos notam, mas o facto é que Caminha termina a carta ao rei D. Manuel com uma cunha:

E, pois que, senhor, é certo que assim neste cargo que levo, como em outra qualquer coisa que de vosso serviço for, vossa alteza há-de ser de mim muito bem servida, a ela peço que, por me fazer singular mercê, mande vir da ilha de São Tomé Jorge Osório, meu genro, o que dela receberei em muita mercê.

Sinal de um estado centralista e despótico contra o qual se considera muitas vezes ser impossível lutar, a cunha não é sentida pela maior parte dos portugueses como um mal, a menos que esteja ao serviço de um adversário. Noutras latitudes, em sociedades menos servis e mais livres, a avaliação é naturalmente diferente. Escreve a autora: «From a North American immigrant perspective, the cunha is antithetical to our belief that equates hard work with reward.» (p. 78). Daí que a cunha involuntária (e, afinal de contas, contraprodutiva) que acabou por receber num episódio relacionado com atrasos de aviões, lhe tenha suscitado uma reação dificilmente encontrável num português não hifenizado: «but I felt spotlighted as if everyone could see the scarlet letter stamped on my chest.» (p. 81).

Um terceiro caso diz respeito à atitude de muitos de nós à mesa do café. Escreve Maria João: «Our cafés often serve as second homes for older people who will spend hours drinking coffee, reading Portuguese-language newspapers, greeting old friends, and sometimes, hurling the occasional insults at the television.» (pp. 50-1). Esta é uma cena idêntica às que se observam do lado de cá do Atlântico, e não só entre gente mais velha, sendo aliás apontadas pelos especialistas

como uns dos terrenos em que vêm germinado os movimentos populistas de extrema-direita.

A par de reflexões deste tipo, o livro envereda também por um registo mais pessoal, em que a mulher madura, luso-canadiana, de hoje reflete sobre a sua infância e juventude, e recorda a importância da sua avó como contadora das histórias que alimentaram o seu imaginário e que a formaram. Aproveita ainda a oportunidade para render homenagem a uma mulher que «was both a witness to and a victim of domestic violence meted by alcoholic fathers and husbands who spent their time in taverns, lost and rejected — and yet society condemned her.» (p. 86), reconhecendo que: «I am a vestige of her spirit and bow in reverence to her with the recognition that my heart is tiny compared to hers, which embraced all possible and impossible worlds.» (p. 89).

Movimento semelhante pode ser observado no capítulo *Black shawls*, em que Maria João explica como passou da incompreensão e até do antagonismo face às mulheres de xale negro para a simpatia e a solidariedade:

I barely remember their faces, but I still recall their eyes peering out from the folds of their shawls, eyes that seemed empty and that looked upon me with suspicion or perhaps with some resentment. In my lack of attention to them, I sensed I had failed to understand they were women like me. Over the years, I've been unable to shake the perception of my abandonment of them, and so, they have continued to appear to me in photos, memories and stories. I finally see them now. I understand the shawl held other meanings and was worn for privacy or protection. (p. 92).

No mesmo sentido vai a tentativa de resgatar as mulheres emigrantes pioneiras e as suas histórias de exploração e de sofrimento.

Também aqui não falta o comovente episódio pessoal do ramo de flores oferecido a uma dessas senhoras, acabada de conhecer no elétrico, e que era o primeiro que ela recebia na vida.

Momentos mais pessoais passam também pela interrogação sobre a ligação da autora ao culto do Espírito Santo. Embora chegue a perguntar-se: «Am I religious, after all?» (p. 38), Maria João conclui simplesmente que «The Holy Spirit unites us spiritually and culturally as Azoreans.» (p. 38) e — mais importante — «no longer needed to rationalize my faith.» (p. 39).

Para além disso, temos momentos poéticos particularmente bem conseguidos, como este: «We grew up as if within the stanzas of a poem, sensitive to the murmurs of the sea and the beauty of its landscapes, yet alone in solidarity. I brought that resilience and sensitivity with me and merged those fragments of Azoreanness with my Canadian identity.» (pp. 12-3).

Temos outros marcados pela solidariedade, face, por exemplo, aos emigrantes menos favorecidos que usam «This new language, Portinglês, [...] part of a secret immigrant code, a general understanding among us.» (p. 67), e são ridicularizados em certos meios:

The invented word becomes a joke later shared by the diplomat with colleagues to bolster his perceived superiority. Or maybe the word circulates over email by newly arrived and educated Portuguese immigrants, who claim nothing in common with the older community. (p. 68).

A solidariedade faz-se sentir também em relação a outro grupo de hifenizados, os

deportados dos Estados Unidos e do Canadá, em número crescente desde 1987, ou em relação a uma aluna que faz lembrar uma das personagens de *Menina e moça*, a célebre novela de Bernardim Ribeiro.

Há ainda muitas outras histórias, associadas a pensamentos, ensaios, crónicas, numa confirmação do que escreveu Clarice Lispector no conto «Desastres de Sofia»: «Meu enleio vem de que um tapete é feito de tantos fios que não posso me resignar a seguir um fio só; meu enredamento vem de que uma história é feita de muitas histórias.» História da sua autora, *The Hyphen* é um livro com cuja leitura todos ganhamos, portugueses com e sem hífen, desde que tenhamos a humildade suficiente para pôr em causa alguns dos nossos mitos, como o da saudade. É que a autora não é meiga na sua apreciação:

I would rather talk about how saudade has latched on like a parasite feeding off our longing and cult-like devotion to the past. This obsession with the past prevents us from moving forward and building our future. As such, we have failed to see the capriciousness in our tendency to nurture only selective elements of that past and then paint them as worthy of desire and longing. Ironically, while that past is filled with misery and scarcity, we long for the invented history that saudade has imprinted on our minds. It is easy to surrender ourselves to it now that our bellies are full! Saudade is so altogether implanted that it has replaced reason. It hasn't served our long-term memory. Saudade, you great trickster! (p. 131)

Este ano de 2024, marcado por tanta saudade ideológica, parece particularmente adequado para uma reflexão como esta.